



## A TOPOLOGIA DO SER EXAUSTO: UM OLHAR PARA OS PROFESSORES

Felipe Costa Aguiar<sup>1</sup>

Regina Frigério<sup>2</sup>

Antonio Bernardes<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, ensaiamos sobre a topologia do ser exausto, promovendo um olhar para os professores. Com cunho ensaístico, esse artigo abarca nossas primeiras reflexões sobre a relação entre exaustão, lugar e docência. Para isso, investimos na pesquisa qualitativa de base fenomenológica e buscamos, por meio das descrições, evidenciar como a exaustão é vivida nos cotidianos docentes, tomando como relação o vínculo dessa experiência com o lugar. Por meio das descrições, compreendemos que a exaustão, além de ser experienciada no lugar, se dissipa entre os lugares, transpondo as fronteiras da escola e acompanhando os professores por todos os lugares. Para além de um afeto localizável e localizado, a exaustão foi exposta como uma condição do ser-no-mundo que, ao ser tematizado na docência, desvela idiosincrasias próprias da profissão e dos seus modos de ser e estar no mundo.

**Palavras-chave:** Fenomenologia, Lugar, Escola, Exaustão, Professores.

### RESUMEN

En este trabajo ensayamos sobre la topología del agotamiento, promoviendo una mirada al profesorado. De carácter ensayístico, este artículo recoge nuestras primeras reflexiones sobre la relación entre agotamiento, lugar y enseñanza. Para ello, invertimos en una investigación cualitativa con base fenomenológica y buscamos, a través de descripciones, mostrar cómo se vive el agotamiento en la vida cotidiana de los docentes, tomando como relación el vínculo entre esta experiencia y el lugar. A través de las descripciones, entendemos que el agotamiento, además de vivirse en el lugar, se disipa entre lugares, cruzando los límites de la escuela y acompañando a los maestros a todas partes. Además de una afección localizada y localizada, el agotamiento se expuso como una condición de estar-en-el-mundo que, al ser discutida en la docencia, revela idiosincrasias de la profesión y sus formas de ser y estar en el mundo.

**Palabras clave:** Fenomenología, Lugar, Escuela, Agotamiento, Docentes.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes-RJ, [felipeaguiar@id.uff.br](mailto:felipeaguiar@id.uff.br);

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes-RJ, [reginafrigerio@id.uff.br](mailto:reginafrigerio@id.uff.br);

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Unicamp, Limeira-SP, e do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UFSCar, Sorocaba-SP, [antonio\\_h\\_bernardes@yahoo.com.br](mailto:antonio_h_bernardes@yahoo.com.br).



## **SOBRE A REGIÃO DE INQUÉRITO DA PESQUISA**

A exaustão vivida pelos professores tem sido um tema muito exposto e debatido nas redes sociais virtuais, nos círculos de amizade e também em alguns eventos científicos recentes. Porém, esse fenômeno não é novo no espaço escolar, mas tem se intensificado na pandemia do novo coronavírus.

Nas redes sociais virtuais, somos arrolados por memes ironizando a condição precária na qual o trabalho docente se realiza atualmente; nos círculos de amizade escutamos com latência palavras como exaustão, cansaço, esgotamento; os eventos científicos, da mesma forma que os outros espaços de escuta e diálogo também buscam dar visibilidade a esse fenômeno que tanto nos afeta na profissão docente.

Ao confessarmos que este fenômeno tem sido falado com latência, vivido com intensidade e narrado com frequência, não podemos esquecer que a exaustão sempre tomou lugar nos espaços escolares. Neste ínterim, objetivamos descrever como a exaustão é vivida pelos professores em seus lugares de trabalho, já que, mesmo antes da pandemia, esse fenômeno sempre esteve atrelado à escola.

### **O MODO DE INQUERIR**

No seio da pandemia do novo coronavírus eis a nossa questão: *como a exaustão é vivida pelos professores em seus lugares de trabalho, já que, mesmo antes da pandemia, esse fenômeno sempre esteve atrelado à escola?*

Para responder tal pergunta, partimos da pesquisa qualitativa de base fenomenológica (BICUDO, 1983; BICUDO, 1994; BICUDO, 2011a; BICUDO 2011b), compreendendo o fenômeno investigado – exaustão – como o ente que aparece e que, como toda aparência, manifesta-se no mundo, toma lugar para si (MALPAS, 2004; MALPAS, 2010; MALPAS, 2014).

Para interrogar o fenômeno investigado, fomos ao encontro dele no lugar onde ele aparece e se manifesta mundanamente, a escola. Assim, lançamos mão das descrições fenomenológicas como possibilidade de acesso aos fenômenos e suas diversas aparências.



A descrição, para a Fenomenologia, “[...] é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito... apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem” (BICUDO, 2000, p. 77).

Ao contrário das asserções positivas mais comuns entre as pesquisas, as descrições fenomenológicas não buscam a exatidão absoluta da pesquisa. Na perspectiva fenomenológica do descrever busca-se “o rigor, a descrição mais autêntica possível do real, pois seu objeto de investigação é o mundo humano, mundo inconcluso e complexo” (PEIXOTO, 2014, p. 10).

A descrição atenta e rigorosa “[...] exige que descubramos, na pobreza daquilo que desprezamos, uma fonte inesgotável de riqueza. O simples é por nós tão desprezado que nem mesmo entra na conta daquilo que, ostensiva e conscientemente, desprezamos. Passa-nos despercebido. Nós o ignoramos” (FERNANDES, 2010, p. 29).

Ao contrário das pré-definições científicas, a descrição se mantém em aberto ao invés de se fechar nos cercos dos conceitos. Inclusive, por diversas vezes essas concepções sobre as coisas são questionadas, haja vista que, ao contrário das visões de sobrevoos da ciência moderna, a pesquisa fenomenológica promove “[...] um olhar mais intuitivo, mais bisbilhoteiro, mais matreiro, que se imiscuiu na multidão, escutando-a, sentindo-a. É um olhar arruadeiro ou localizado” (PAIS, 2003, p. 106).

É fundamental para esse campo de pesquisa compreender que método não se refere a uma rota pré-definida, mas sim a um caminho que “[...] vai sendo construído no processo de pesquisa em resposta aos sinais que a realidade, ao ser investigada, vai dando [...]” (GARCIA, 2003, p. 11). E é a esses sinais da realidade que as descrições podem nos levar.

Diante disso, para interrogar o fenômeno, trilhamos o seguinte caminho:

- 1 – buscar a raiz etimológica do termo para compreender como o sentido atribuído ao léxico se relaciona com o fenômeno investigado;
- 2 – estudar a bibliografia que tematiza o fenômeno, buscando descrições de sua aparência;
- 3 – identificar os sentidos descritos pelo léxico e pela bibliografia;
- 4 – identificar, por meio do léxico e da bibliografia, a rede de fenômenos correlatos na qual os sentidos da exatidão são tecidos;
- 5 – apontar as diferenças, convergências e idiosincrasias que se referem à aparência da exatidão descrita pelo fenômeno a luz do léxico e da bibliografia;



6 – evidenciar a relação ente a exaustão e a escola, lugar onde o fenômeno investigado se torna aparente.

## **POR TRÁS DO *BURNOUT***

Recentemente, o termo “*Burnout*” se popularizou e constantemente tem sido utilizado como referência ao esgotamento intenso que todos nós temos vivido nos últimos anos. Entretanto, o termo não é tão novo assim, muito menos a experiência que ele tenta traduzir.

Frengenberg, em 1974, foi o primeiro a empregar a expressão “*burnout*” para retratar o estado peculiar em que seus pacientes se encontravam. Esses, não sofriam de cansaço ou de tédio, mas de um outro sintoma:

O homem que se ‘deitou ao seu divã’ não se mostrava atormentado com seus mistérios sexuais como as histéricas de Freud, trazia uma energia enorme e derrotada, perdera a possibilidade de ação, sucumbia impotente; quiçá, pensava Frengenberg, vítima de sua onipotência? (CODO e MENEZES, p. 6, 2012).

Em união com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Wanderley Codo, promoveu a maior e mais exaustiva pesquisa sobre a condição de trabalho dos profissionais da educação brasileiros, atingindo cerca de 1.800.000 educadores, dentre eles estão professores, funcionários e especialistas em educação da rede pública estadual.

Nessa pesquisa, há 21 anos atrás, a exaustão já se mostrava, sintomaticamente, nos cotidianos docentes. A pesquisa baseou-se na investigação dos graus da Síndrome de Burnout, que, segundo a capa do livro resultado do projeto “*Educação: carinho e trabalho (1994)*”, poderia levar à falência da educação. Nele, Codo e Menezes (1999, p.2) indicam o burnout como o sentimento “crônico de desânimo, de apatia, de despersonalização”.

Num outro momento, no Caderno de Saúde do Trabalhador, também organizado com incentivo da CNTE, Codo e Menezes (2000, p. 38) apontam que “[...] o desgaste do vínculo afetivo leva a um sentimento de exaustão emocional”.

A síndrome citada pode ser definida como um conceito multidimensional no qual se relacionam três grupos de experiência, à saber: *exaustão emocional*,



*despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho.* Para Codo e Menezes (1999; 2000), as condições e organizações do trabalho docente exaurem o professor; exausto, ele não tem mais de onde tirar forças para agir, e também não pode abandonar o seu trabalho. Logo, busca se distanciar e não se envolver afetivamente com o trabalho que faz, tenta se envolver o mínimo possível com a atividade que o exaure e, por consequência, com todas as pessoas que fazem parte dela.

Codo e Menezes (1999, p.10), relatando uma das tantas histórias de profissionais da educação que coletaram em sua pesquisa, apresentam a seguinte situação: “[...] eu durmo, mas não adianta nada; o sono parece que não me restaura. No dia seguinte já acordo cansada... chega o final de semana, e eu estou morta [...]”. Histórias como essa não são difíceis de serem encontradas na vida dos professores, quanto mais durante o período da pandemia, onde a precarização e a exploração do trabalho docente se intensificaram.

Apesar da situação supracitada ser trágica e maldita, ela não é exclusiva da pandemia. Pelo contrário, a exaustão sempre nos assolou. Esteves (1994; 1995; 1999a; 1999b; 2004), por exemplo, produziu inúmeras pesquisas sobre o mal-estar docente na Europa, sendo esse, um fenômeno estritamente relacionado com a exaustão dos professores.

Da mesma forma, a Sociedade do Cansaço descrita por Han (2015) também não é uma descrição apenas de nossa sociedade, embora o modo de nos esgotarmos atualmente seja próprio do nosso tempo. Mesmo assim, não podemos descartar que a desigualdade e a injustiça social promoveram o esgotamento de muitas gerações, tanto quanto a cede de produção decorrente da positividade e auto-exploração do sujeito moderno.

Nessas explorações bibliográficas, nos incomodou o fato da exaustão anteceder o *Burnout* e, diariamente, ser esse o termo ou seus correlatos as palavras que utilizamos para descrever nossas experiências.

Por isso, recorreremos ao léxico para compreender o sentido e a origem da palavra exaustão, buscando semelhanças e idiosincrasias entre o que se entende por ela e por *burnout*.

Por exaustão entendemos o termo substantivado do verbo exaurir, originado do latim *exhaurio*, formado pelo prefixo “ex”, que indica “para fora” e pelo radical “haurio”, que indica esgotar, esvaziar, entre outros.



Assim, o léxico nos mostra que a exaustão, que origina o *burnout*, desde sempre indicou o movimento de perder para fora, como algo que se esvazia, que se esgota, aos poucos ou aos prantos. Nesse mesmo sentido, ressaltamos que *burnout* é, "[...] em português, algo como 'perder o fogo' 'perder a energia' ou "queimar para fora" (numa tradução mais direta)" (CODÓ; MENEZES, 1999, p. 2).

Diante disso, consideramos que a essência do *burnout* é a exaustão, sendo o segundo o termo mais próximo do que dizemos para descrever nossas experiências. Além disso, a síndrome carece de um diagnóstico, haja vista que seus sintomas estão além da exaustão, somente. Enquanto o *burnout* precisa ser diagnosticado para ser nomeado, a exaustão nos assola diariamente e se disfarça em descrições como "*estar morto na farofa*", "*estar o pé da goiaba*" entre outras.

Se o *burnout* precisa de um diagnóstico para termos certeza de tê-lo, a exaustão precisa de um tratamento, pois não há dúvida de que todos sofremos dela, sendo essa a necessidade de criarmos mais espaços de discussão sobre a temática e debatermo-la amplamente nos espaços formais e informais de educação.

Ao mesmo tempo em que muitos temem o *burnout* – a grande síndrome do século, nos cegamos para a exaustão, o mal cotidiano que tomamos em doses homeopáticas sem ao menos lermos a bula e termos consciência dos efeitos colaterais.

## DESCRIÇÕES FENOMENOLÓGICAS

O exausto não é o cansado.

O cansado não é o exausto.

O exausto pode ser o cansado.

O cansado pode ser o exausto.

O cansado pode ter se dedicado a uma tarefa durante horas, e por isso se encontra cansado.

O exausto, diferente do cansado, se encontra exaurido e esgotado. Esse também pode ter se dedicado a uma tarefa durante horas, mas ao invés de cansado, ele está exausto. Não há cansaço, apenas exaustão:

O esgotado é muito mais que o cansado...O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjetiva) – não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objetiva). Mas esta permanece, porque nunca se realiza todo o



possível; ele é até mesmo criado à medida que é realizado. O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar (DELEUZE, 2010, p. 22).

O exausto se esgotou tempos a fio e já não aguenta mais nada. Nem mesmo tentar está no horizonte de suas possibilidades, pois não há mais nada possível diante do esgotamento.

O exausto é um ser de privações, pois toda a vontade que tinha se perdeu em meio às solicitações que atendeu, não lhe resta nada a não ser a exaustão. O esgotado não deixa de fazer algo porque não quer, mas porque não pode, porque não tem mais condições de fazer...tudo se esgotou em seu ser.

Exaurido, o exausto se exaure mais e mais, pois não tem mais energia para prosseguir, já se encontra esgotado, e mesmo assim precisa continuar. O direito de parar não lhe é concedido nunca, mesmo quando ele está exausto. Aliás, se fosse, não teria se esgotado ao ponto de aluir de exaustão.

A exaustão “[...] não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa” (HAN, 2015, p. 45), pois o exaurido nada mais faz, até porque, tudo que tinha perdeu, queimou para fora, entrou em *burnout*, se dissipou em meio às solicitações atendidas.

## **A EXAUSTÃO COMO UMA QUERELA DO LUGAR**

A exaustão, enquanto fenômeno, não se presentifica como um conceito a ser aplicado e validado. Fenomênica como é, a exaustão fala por si mesma, ela se espacia e toma lugar para si como todo fenômeno que aparece, que se torna presente no mundo. Portanto, a exaustão não só é uma questão do lugar, bem como é explicitada por ele próprio.

Ao se exaurirem, os professores demonstram o movimento de perder para fora, de deixar vazar, ou seja, esvaziam-se de toda e qualquer energia que tem. A exaustão não pode ser resumida à física, mental ou emocional, até porque quem se exaure não é físico, mental ou emocional – não é feito de partes coladas, mas de um todo complexo e integrado, ou seja, é *Dasein*, o ser-á feito de corporeidade, que não se revela ora como mente, ora como corpo, mas sim como o ser totalizante que é (HEIDEGGER, 2012).



Esse ser que se exaure o faz no lugar, porque toda a sua existência é topológica, se dá no lugar. Aliás, há como alguém existir fora do lugar? Mesmo estando perdidos não estamos em algum lugar? (MALPAS, 2004; MALPAS, 2010; MALPAS, 2014). Sendo-no-lugar, o ser exaurido se dispõe no mundo por meio da exaustão porque, nesse caso, ela é o seu modo de ser e estar no mundo, esse é o seu estado de humor momentâneo, é como se encontra nos lugares.

A exaustão não se revela como um problema específico do lugar de trabalho dos professores, mas sim como uma questão do próprio ser, haja vista que não é o lugar que se exaure, mas sim o ser que, sendo-no-lugar, se exaure a partir das experiências no trabalho.

#### Entendemos que lugar

“[...] pode ser compreendido como uma ‘matrix’, não apenas no sentido original de que é aquilo a partir do qual as coisas aparecem – as coisas aparecem apenas caso tenham um lugar para aparecerem – mas também no sentido mais comum de uma estrutura de interconecção – coisas aparecem, apenas, caso elas se ponham em relação à outras coisas” (MALPAS, 2010, p. 9 – tradução nossa).

Nos lugares que percorre, não só a exaustão pode se tornar presente, mas outros afetos, como a ansiedade de um viajante, descrita por Trigg (2017, p. 139 – tradução nossa):

Se estou ansioso e chegando a um aeroporto para pegar um voo, experimentarei cada elemento do aeroporto como algo que reforça ou ameniza minha ansiedade. Nessas circunstâncias, os aspectos individuais do aeroporto se destacam contra um clima geral de ansiedade. Considere aqui o portão de segurança. A passagem pelo portão de segurança se apresenta não apenas como um meio para ir de um ponto a outro, nem é um aspecto necessário, mas inconveniente, da viagem, e só isso. Se sou um voador ansioso, o portão de segurança aparece para mim como uma barreira que simultaneamente reforça meu compromisso com a perspectiva de voar, ao mesmo tempo em que ressalta minha distância de casa. Depois de passar pelo portão, a possibilidade de voltar à vida fora do aeroporto diminui e, como resultado, minha ansiedade aumenta. Na verdade, depois de passar pela segurança, o mundo externo agora parece ainda mais remoto, embora em termos comparativos esteja próximo. Como resultado, experimento a zona pós-segurança do aeroporto como um mundo insular, aparentemente desconectado do mundo ao redor e, de fato, habitando uma ordem de vida totalmente diferente (TRIGG, 2017, p. 139).

Num outro caso, Trigg (2021, p. 8 – *tradução nossa*) descreve a relação entre ansiedade e lugar, situando-a no *lockdown* vivido na pandemia do coronavírus:

Esse é um lugar onde sujeitos devem circular de determinada forma, cuidadosamente para evitar chegar muito perto das pessoas e, também, evitar



tocar, de modo desnecessário, superfícies que podem estar com a covid-19. Esse também é um lugar onde há o sentido de estar exposto ao perigo enquanto se executa um dos atos mais primitivos – conseguir comida. Como tal, o supermercado é um lugar “essencial” tanto em termos de valor sociológico e econômico, mas também em termos de fornecer os fundamentos básicos da existência e, portanto, para muitas pessoas um passeio inevitável.

A exaustão, assim como a ansiedade descrita acima, permeia os muitos lugares da vida e transpassa as fronteiras que nós criamos. Sendo assim, seria possível falarmos em lugares da exaustão? E combate-la, podemos? Essas questões e outras permeiam o ensaio que fizemos sobre essa temática, instigando-nos mais e nos fazendo trilhar os caminhos da exaustão.

## **ALGUNS DIZERES SOBRE OS DOCENTES EXAUSTOS**

Exauridos, vamos e voltamos das escolas.

Vivemos os finais de semana na ânsia de que o próximo chegue, pois, os dias da semana são sinônimos de trabalho – exaustão. Durante a semana, nos dividimos em muitos na esperança de dar conta de tudo, nos exaurimos. Nos exaurimos em casa enquanto nos preparamos para o trabalho, nos esgotamos no trabalho enquanto desejamos voltar para casa. Cotidianamente, nos exaurimos no trânsito entre casa e escola...quando é que não estamos exaustos?

A exaustão, movimento de perder para fora, esvaziar-se e esgotar-se de algo, não elimina apenas a nossa energia, mas também os nossos ideais, sonhos e planos. Estamos exaustos porque estamos esgotados, vazios de tudo que nos preenchia antes de nos exaurirmos.

Esgotados não só adoecemos, mas nos esvaziamos, deixamos tudo vazar. É na vaza dos ideais que muitos professores esquecem quem são e decaem na mesmice da cotidianeidade. No despejar dos sonhos, os docentes deixam de praticar o que tinham como projeto de educação e começam a despejar sobre os alunos os conteúdos, as mazelas e todo o resto que os exaurem.

Exauridos, não perdemos apenas energia, nessa condição de ser, “o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil” (CODO; MENEZES, 1999, p. 2).



Esgotados de tudo que nos movia nas trilhas da docência, deixamos de ser professores, pois nada do que havia antes permanece, tudo já foi derramado.

## REFERÊNCIAS

BICUDO, M. A. V. A Filosofia da Educação Centrada no Aluno. In: MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. (Org.). **Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação**. SAO PAULO: MORAES, 1983, v., p. 45-80.

\_\_\_\_\_. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (ORGS). (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, v., p. 15-22.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Editora Cortez, 2000. 167 p.

\_\_\_\_\_. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1ªed.São Paulo: Editora Cortez, 2011a, v., p. 11-28.

\_\_\_\_\_. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica**. 1ªed.São Paulo: Editora Cortez, 2011b, v., p. 29-40.

\_\_\_\_\_. A pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análise. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1ªed.São Paulo: Editora Cortez, 2011c, v., p. 41-74.

CODO, W.; SORATTO, L.; MENESES, I. V.; BATISTA, A. S. O planeta como cenário. In: Wanderley Codo. (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. 4ªed.Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006, v., p. 390-392.



CODO, W.; MENESES, I. V. O que é burnout? In: Wanderley Codo. (Org.). **Educação: Carinho e trabalho**. 4ªed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006, v. , p. 237-254.

\_\_\_\_\_. Burnout: Sofrimento Psíquico dos Trabalhadores em Educação (volume 14 da coletânea **Cadernos de Saúde - CUT**). 1ª. ed. São Paulo: CUT, 2000. v. 14. 53p.

CODO, W.; G. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. 4ªed.: , 2006, v. , p. 48-59.

ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999a. p. 93-124.

\_\_\_\_\_. **O mal estar docente**: a-sala-de-aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. São Paulo: EDUSC, 1999b. 170p.

\_\_\_\_\_. **A terceira revolução educacional**: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004. 207p.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.

ESTEVE, J. M. *et al.* **Los profesores ante el cambio social**. Barcelona: Anthropos, 1995.

FERNANDES, M. A. Consciência, vivência e vida: um percurso fenomenológico. In: **Revista de abordagem gestáltica**. v. 16, n. 1, jan/jul, 2010, p. 29-41.

GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9-16.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. 2015. Vozes, Petrópolis: 128

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. de Fausto Castilho. Editora da Unicamp; Vozes, 2012.



MALPAS, J. Place and Topography: Responding to Cameron and Stefanovic. **Environmental and Architectural Phenomenology**. V. 15, n. 3, 2004.

\_\_\_\_\_. **The complexities of place**. In: Conference at the Department of Geography, 2010, Queen's University, Kingston, Ontario, Canada, 2010.

\_\_\_\_\_. Human being as placed being. **Environmental and Architectural Phenomenology**. v. 25, n. 3, 2014.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana**: Enigmas e Revelações. São Paulo: Cortez, 2003. 272p.

PEIXOTO, A. J. Caminho Fenomenológico. In: PEIXOTO, Adão J. (Org.). **Interações entre Fenomenologia e Educação**. Campinas: Editora Alínea, 2014, p. 9-16.

TRIGG, D. **Atmospheres and Shared Emotions Ambiences**: Atmospheres and Sensory Experiences of Spaces. London: Routledge, 2021.

\_\_\_\_\_. Place and Non-place: A Phenomenological Perspective. In: JANZ, Bruce B.: **Place, Space and Hermeneutics**: Contributions to Hermeneutics 5. Springer, 2017.